

Da pré-história à pecuária industrial

Crise financeira internacional veio no momento certo, pois é hora do pecuarista concluir o processo de construção da sua atividade

Para muitos, principalmente os jovens, as cansativas aulas de História de nada servem. Pouquíssimo conteúdo fica fixado. Mas este conhecimento é fundamental para compreendermos quem somos – produtos de que e quem – e, principalmente, para onde podemos ir. Se não queremos aprender História, então estaremos cada vez mais a mercê de especialista de plantão, principalmente na compreensão da Política e da Economia. Mas o que fazer com nossas vidas particulares?

Francisco Vila, conselheiro da Associação Brasileira do Novilho Precoce, economista e consultor internacional da Projeta, é um desses especialistas que analisa não só a pecuária bovina de corte, como também o mundo, sistemicamente. Para ele, os pecuaristas brasileiros realizaram uma grande façanha na última década. Mesmo assim, o cenário é duro e demanda muito trabalho. Agora, seus empreendedores precisam promovê-la de uma etapa conquistada para o modelo futuro: de uma pecuária tecnificada e de exportação para uma pecuária industrial.



Por Ivaris Júnior

Nelore – Qual é o seu cenário da bovinocultura de corte brasileira?

Francisco Vila – Entendo que estamos no intervalo do jogo, entre primeiro e o segundo tempo de uma partida de futebol, com um placar favorável de pelo menos três a zero. Mas ainda não ganhamos o jogo. O momento é de bastante estresse.

Nelore – E como foi esse primeiro tempo?

Francisco Vila – Para avaliar a etapa é preciso voltar no

tempo, mais ou menos há uns cinco anos e depois olhar para o futuro, uns dez anos. Ver como começamos o jogo, o que fizemos no primeiro tempo e como queremos terminar o jogo. Qual o resultado – o placar – que precisamos. Ou seja, o que se era, o que se é e o que se precisa ser. Dessa forma, você pode “relativizar” a fase atual. Assim é possível identificar o momento em seu contexto de processo. Em um segundo exercício, podemos voltar até 1995, início da estabilização da economia brasileira. Desde então há um progresso tecnológico violento em todos os segmentos econômicos. Na pecuária, confinamento,



suplementação mineral, pastejo rotacionado, exportação, Internet, celular, BM&F, não existiam. Então, podemos concluir que o Brasil fez a façanha de sair da pecuária pré-histórica para uma moderna, em uma década – um pulo milenar em dez anos. Para completar seu avanço, falta apenas certificação, padronização, adoção de boas práticas e integração de toda a cadeia produtiva, pois o resto já está no nível de EUA e Austrália. Nossa vitória está na solução desses problemas que restam e entendo que o setor alcançará sua fisionomia definitiva na próxima década.

Nelore – A atual crise financeira internacional pode atrapalhar esse processo?

Francisco Vila – Toda crise dá um susto e obriga você a parar. É hora de olhar para trás, para os lados e saber onde você está. Também é hora de lembrar dos pecados: o que se fez de errado e o que deixou de fazer que era certo. Um exercício de “mea culpa”. Com esta bagagem e as informações disponíveis, deve-se olhar para frente e construir cenários – o que você quer para você ou onde se quer chegar. Eles são individuais, pois cada um tece o seu. Em seguida é preciso muito trabalho para tornar esse cenário, que era emocional e incompleto, em algo racional, concreto e base de um planejamento para o seu negócio que o apoiará durante e pós-crise. Em resumo, pensar nos seus custos com bezerro e insumos e equacionar com o valor da arroba do boi que você está imaginando, visualizando para o futuro.

“Estamos em uma transformação darwiniana, onde vai ganhar o mais forte e perder o mais fraco. As crises são os catalisadores de forças e os aceleradores do progresso. O mais forte vai ganhar eficiência e resolver seu negócio. O mais fraco vai sucumbir”

Nelore – E se errar nessa imaginação?

Francisco Vila – Independente de acertar o preço, é preciso imaginá-lo para não ficar a mercê do vento. A margem de erro é sempre pequena e não muito significativa. O que quero dizer é que a crise marca o momento de chamar o médico: aquele que vai fazer o diagnóstico do seu negócio. Em resumo, de saber como se vai jogar no segundo tempo e, pelo menos, garantir a vitória já estabelecida. Com um olho se controla a bola e com o outro se localiza os adversários e companheiros para construir a jogada de gol. Aliás, este é um caminho para qualquer empresário, independente da atividade econômica. Também é preciso entender que, até hoje, historicamente, toda crise teve começo, meio e fim. Esta não será diferente. Mas é preciso dimensioná-la. Em

uma análise sistêmica dela, o Brasil está melhor do que o resto do mundo (na média). Nosso agronegócio está melhor do que o Brasil e a pecuária está melhor do que o agronegócio. Inevitavelmente, isto vai atrair novos investidores e financiamentos para o setor.

Nelore – Então está valendo a máxima que diz “é na crise que se cresce”?

Francisco Vila – Estamos em uma transformação darwiniana, onde vai ganhar o mais forte e perder o mais fraco. As crises são os catalisadores de forças e os aceleradores do progresso. O mais forte vai ganhar eficiência e resolver seu negócio. O mais fraco vai sucumbir. Penso que esta crise veio no momento certo.

Nelore – Dos elos da cadeia produtiva da carne, a indústria frigorífica parece sentir mais o momento.

Francisco Vila – A crise trouxe um efeito muito negativo para os frigoríficos, provocando desprofissionalização. Isso foi um passo para trás e significa que a velha guarda está retornando ao centro das decisões. Esta é minha única preocupação, pois o diálogo na cadeia produtiva vai ficar congelado pelo menos nos próximos dois anos. A imagem que me vem à cabeça é familiar: nenhum casal discute a relação quando um filho está doente.

Nelore – Os líderes de mercado fizeram aquisições de menores, abriram capital e até se internacionalizaram. Não há uma grande fragilidade neste momento?

Francisco Vila – Não sei como não tem frigorífico quebrando. Estão trabalhando com 40% da capacidade e não há falta de produto nem de demanda. O que percebo é muita desorganização e desarticulação dentro e entre os elos da cadeia. Neste momento de crise, estão todos recolhidos, dificultando ainda mais o diálogo e, conseqüentemente, a integração. É hora de refletir e pensar sobre as coisas que já nos falamos. Assim, os programas de qualidade da indústria continuam todos no papel.

Nelore – Há algum componente diferente nesta crise?

Francisco Vila – Vender 12% a menos não é problema. Seria se fosse 50%. Então, a crise não é estrutural. É

um engasgamento conjuntural, uma desaceleração psicológica. Todos estão parados querendo ver o que vai acontecer. Como exemplo, cito você que está bem empregado e, em função da crise, passou a gastar menos com restaurante. Está represando recursos para se amparar de uma possível dificuldade, de algo desconhecido. Então é isso.

Nelore – Como a falta de crédito pode pegar a pecuária, historicamente uma atividade que depende pouco de financiamento?

Francisco Vila – Não pega. Onde poderia pegar seria nas exportações que, contudo, representam apenas 25% dos negócios. O grosso fica em casa – mercado interno. Outra coisa é o abate informal, algo em torno de 40%. Esses negócios são em “cash”. O dinheiro gira logo e há capitalização imediata. Assim, mais uma vez não se precisa da indústria formal, aquela onde que uma ou outra pode precisar de financiamento para operar.

Nelore – A viagem de volta a cinco e dez anos está feita, mas como pensar em 2015 ou 2020? Como será a pecuária bovina de corte?

Francisco Vila – Por motivos de uma grande revolução que acontece em função da responsabilidade social e ambiental, da geração de empregos e da necessidade do máximo de eficiência no agronegócio, existe uma tendência irreversível para cada vez mais se integrar lavoura, pecuária e floresta. O uso múltiplo da terra ao longo do ano exige integração, tecnologia, máquinas, formação humana e práticas de gestão para reduzir o risco do negócio, aumentar a lucratividade e conferir sustentabilidade a ele. Entendo que, por motivos de maior domínio de tecnologia, experiência no uso de ferramentas financeiras avançadas e da disponibilidade de maquinário ocioso durante parte do ano, é provável que o agricultor avance sobre a pecuária e não o contrário. O agricultor pode transformar seus resíduos em alimento para o boi. Além disso, ele sabe negociar com o gerente do banco e tem espaço. Por isso está em vantagem em relação ao pecuarista.

“Por motivos de uma grande revolução que acontece em função da responsabilidade social e ambiental, da geração de empregos e da necessidade do máximo de eficiência no agronegócio, existe uma tendência irreversível para cada vez mais se integrar lavoura, pecuária e floresta”

Nelore – Então o agricultor é um inimigo?

Francisco Vila – O maior deles. Em uma única tacada, o agricultor faz um pasto como se deve. Ele é especi-

alista em lidar com a terra. Tudo isso, em uma entressafra, quando as máquinas estão paradas. O gerente agrícola dele tira isso de letra. O custo de recuperação de um pasto degradado para o agricultor é muito pequeno. Imagine que ele plante a soja sobre o pasto colocando, inclusive, até a semente para o próximo que se formará, aduba e tudo mais. A soja produzida paga toda a conta. De maquinário também. Fazendo a colheita, sobra o pasto novo para jogar os animais. Até a rebrota de alguma coisa da soja, ainda serve de alimento muito mais protéico para o boi. Os bichos que ele comprou, com o peso correto, vão dar uma resposta excelente nos três meses (intervalo de safra). Na hora de plantar a soja novamente, ele confina esses animais e, outra vez, fornece os resíduos de lavoura. A competição com o pecuarista que conhecemos hoje chega a ser desleal.

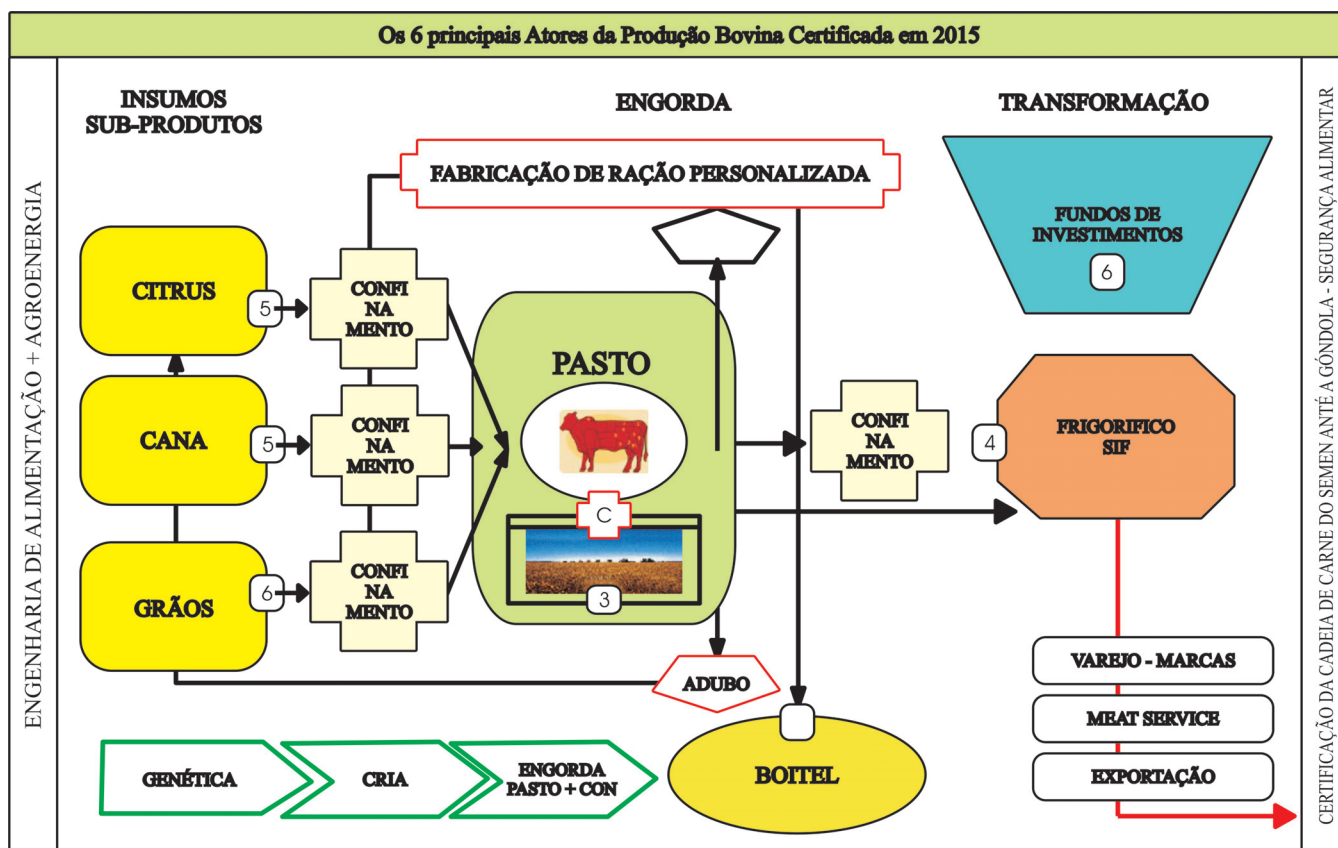
Nelore – Frigorífico também é inimigo?

Francisco Vila – É o segundo deles. Cada vez mais ele entra na pecuária com confinamento tampão para regularizar fornecimento de animais, em escala organizada e padronizada. Só esta jogada paga a operação, pois ele ganha eficiência. Além disso, o frigorífico passa a ser um agente determinante na formação dos preços. Aliás, um agente muito mais forte. Ele ganha dos dois lados.

Nelore – Quem são os outros inimigos?

Francisco Vila – O terceiro inimigo é as indústrias de citrus, cana e grãos. Todos eles fazem resíduos valiosíssimos para a pecuária. Se eles montarem confinamentos, não terão de gastar com transporte de lixo e ainda vão ganhar mais algum. E tem outra: R\$ 700 mil para construir um confinamento, por exemplo, é só um cheque assinado pelo gerente dentro do fluxo normal de caixa. Ganham com a valorização dos resíduos de produção e com a redução dos custos de transporte. É mais um que faz pecuária sem qualquer custo importante. Mas há ainda um quarto inimigo,





A ilustração acima foi concebida por Francisco Vila e traduz sua visão de futuro da atividade pecuária - o mento em que ela se tornará industrial

que é os fundos de investimentos. Pecuária é um negócio razoável, sem muitos riscos. Então, é atrativa para grandes investidores. Em resumo, é um negócio de futuro, mas não para os pecuaristas que costumamos ver. Eles são ótimos, mas estão no processo como os pilotos de fundo da Fórmula 1. Dirigem uma barbaridade. Andam acima de 300km e fazem manobras maravilhosas. Mas acontece que o pelotão da frente é formado por conjuntos melhores. Pilotos e carros são mais rápidos, ganham a maior parte dos pontos, vencem as provas e disputam o título. Tudo isso por um ou dois segundos de diferença.

Nelore – Que tipo de pecuarista pode sobreviver?

Francisco Vila – O pecuarista de cria - a verdadeira arte da atividade – tem muita chance, porém, terá de conquistar o máximo de eficiência. Os grandes pecuaristas de hoje vão sempre se virar, mas os médios, semi tecnificados, vão apanhar muito para sobreviver. Já os pequenos terão as margens do sistema para buscar oxigênio, com um papel importante para alimentar as classes menos abastadas do país, em regiões menos privilegiadas.

Nelore – Essa visão não é um tanto apocalíptica?

Francisco Vila – Tudo isso são tendências. Acredito que,

no futuro, todos esses inimigos da pecuária atual é que vão desenhar os preços. O pecuarista terá uma queda de braço e tanto pela frente. Frigoríficos, principais confinadores e boi a termo representam, hoje, perto de 15% de 40 milhões de animais abatidos, em 2008, porém, esse percentual representa quase que a totalidade da pecuária eficiente, portanto, determinante de preços. O modelo é semelhante ao da indústria automobilística: montadoras e auto peças. A montadora chama cinco ou seis fabricantes de peças e mostra um componente que precisa ser fabricado. Eles voltam para suas fábricas, elaboram uma planilha de custo e a envia para a montadora. Esta, por sua vez, escolhe dois ou três fabricantes, descarta o resto e fecha um contrato de fornecimento, onde o empresário saberá quanto vai ganhar por uns dois anos.

Nelore – Então estamos em um momento de transição?

Francisco Vila – Exatamente. Como disse, no intervalo do primeiro para o segundo tempo. Resumindo, saímos da pecuária pré-histórica para uma tecnificada e de exportação. Agora entraremos na pecuária industrial (em fase de estruturação), onde certificação, padronização e métodos modernos de gestão vão definir os vencedores. Na minha visão, a maior parte deles migrando de outros setores. O mesmo esforço que se fez para tecnificar terá de ser feito para industrializá-la.

